



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT CAMPUS  
UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA-TO CURSO DE LICENCIATURA EM  
LETRAS**

**MÉRCIA DA SILVA ARAÚJO**

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS  
INDÍGENA KRAHÔ**

ARAGUAÍNA-TO  
2022

MÉRCIA DA SILVA ARAÚJO

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS  
INDÍGENA KRAHÔ**

Artigo apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, para a obtenção do título de graduada, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

ARAGUAÍNA-TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586p    Araújo, Mércia da Silva .  
          O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DAS  
          CRIANÇAS INDÍGENAS KRAHÔ. / Mércia da Silva Araujo. – Araguaína,  
          TO, 2022.  
          21 f.

          Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
          Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2022.

          Orientador: Francisco Edviges Albuquerque

          1. Indígenas. 2. KRAHÔ. 3. EDUCAÇÃO. 4. ENSINO. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

MÉRCIA DA SILVA ARAÚJO

### **O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS INDÍGENAS KRAHÔ**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas, Portuguesa para obtenção do título de Licenciada, sendo aprovada em sua forma final pelo Orientador Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (UFNT) pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08 / 02 / 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (UFNT )  
(orientador)

---

Prof. Mac. Danielle Mastelari Levorato (UFNT)  
Examinadora

---

Profª. Drª. Eliane Cristina Testa (UFNT)  
Examinadora

---

Araguaína, 2022.

*Dedico este trabalho, a minha mãe Juracy Araújo da Silva que não teve estudo, e sempre sonhou em ter um filho com formação superior, ao meu pai Lucas Martins da Silva que está no céu, ao meu cônjuge Jurandir Pereira, a minha filha Nathállya Silva, a meus irmãos, ao professor Francisco Edvirges Albuquerque, e todos os professores e colegas que caminhou comigo nesta jornada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir chegar até aqui; ao meu professor orientador Francisco Edviges Albuquerque, por ter me orientado em todo período de desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço minha amiga Elaine Cristina Santos que sempre me incentivou a não desistir diante das dificuldades encontradas ao longo do curso.

Gratidão aos colegas, que sempre estiveram comigo neste longo período de formação, especialmente à Maria de Fátima Laurindo, Sara e Brenda, por estarem sempre disponíveis quando precisei.

Agradeço à minha família por estar sempre comigo, e a todos os professores, que com muita dedicação, me proporcionaram grande conhecimento através de cada aula ministrada, a vocês, queridos professores: Francisco Edviges Albuquerque, Luiza Helena O. da Silva, João de Deus Leite, Ana Cláudia Castigliole, Wallace Rodrigues, Plínio Sabino Selis, Lia Cristina Testa, Danielle Mastelari Levorato, Lianja, Wandercy, Geovanna Araujo Reis, Peel, Eleuda Carvalho, Janete Dos Santos, Miliane, e todos os envolvidos no curso de Letras, minha eterna gratidão a todos vocês.

## RESUMO

Este projeto tem sua base no cunho bibliográfico, onde no decorrer dos mesmos serão encontradas citações de alguns autores que têm suas bases em educação escolar indígena, em especial, a educação escolar indígena KRAHÔ. O que na realidade nos motivou pesquisar sobre a educação escolar indígena, em especial, o povo KRAHÔ, foi o fato de entender um pouco dessa cultura, em especial a forma na qual eles são educados. Assim sendo, o trabalho buscou analisar e descrever a situação da educação na Escola Estadual Indígena 19 de Abril da Aldeia Manoel Alves Pequeno. Para isso foi tentado relatar como está o desenvolvimento do aluno no que diz respeito a ler e escrever; entender como a presença de um professor do mesmo povo tem feito com que o desenvolvimento dos alunos fosse mais produtivo e mostrar como os alunos reagem a essa mudança. A partir de tudo que foi apresentado no decorrer do trabalho, é possível afirmar que realmente existe uma grande dificuldade por parte da sociedade brasileira em criar metodologias e instituições que realmente consigam incluir a população indígena, o que faz com que haja o constante crescimento da discriminação, preconceito e desigualdade social existente.

**Palavras-Chave:** Indígenas; KRAHÔ; Educação; Ensino; Aprendizado.

## **ABSTRACT**

This project has its base in the bibliographical stamp, where in the course of the same will be found citations of some authors who have their bases in indigenous education in special the (KRAHÔ). What actually made me research indigenous school education, especially for the KRAHÔ people. It was the fact of understanding a little bit of this culture, especially the way in which they are educated. Thus, the work sought to analyze and describe the situation of education in the 19 de Abril State Indigenous School in the Manoel Alves Pequeno Village. To do this we tried to report on the development of the students in terms of reading and writing; to understand how the presence of a teacher from the same people has made the students' development more productive; and to show how the students react to this change. From everything that has been presented throughout this work, it is possible to affirm that there is a great difficulty on the part of Brazilian society to create methodologies and institutions that can really include the indigenous population, which leads to the constant growth of discrimination, prejudice, and existing social inequality.

**Key-words:** Indigenous; KRAHÔ; Education; Teaching; Learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Objetivo geral .....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>12</b>
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÕES.....</b>	<b>17</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo integra de maneira clara, a pesquisa de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido na parte final do curso de Letras, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

De fato, o que nos trouxe a desenvolver uma pesquisa em relação à Educação Escolar Indígena, em especial sobre a Krahô, vem de um grande interesse em contribuir com estudos elaborados a respeito da temática indígena.

No decorrer deste trabalho, apresentamos pesquisas sobre a educação escolar indígena, enfocando nos interesses envolvidos à etnia Krahô. Para embasar nossos questionamentos e análises, recorreremos a pesquisas já finalizadas e que cumpriram com a identificação e conhecimento profundo em torno à educação escolar indígena no Tocantins.

Um dos elementos mais frisados será o desenvolvimento da leitura, percorrendo os métodos aos quais são utilizados para que os discentes indígenas possam ter uma leitura eficaz (ALBUQUERQUE, 2016).

Outrossim, debruçamo-nos à parte da escrita, enfocando em quais os meios para o docente assumir, no intuito de que os alunos venham avançar na escrita, e percebendo quais são as metodologias usadas para/com eles.

De fato, o governo não pode se eximir da obrigação de amparar e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da população indígena. Por isso, um bom aliado do setor público tem sido a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a qual tem demonstrado grande interesse no que diz respeito à educação indígena, vem colaborando bastante com ações de conscientização, formação continuada e incentivo à formação acadêmica inicial de pessoas indígenas, visando que tais sujeitos retornem à sua comunidade para dar seguimento à formação de jovens e adolescentes indígenas.

De acordo com as informações mencionadas, percebe-se que o fato desse tema ser escolhido é devido ser uma comunidade indígena que estão não apenas tentando somente aprendendo a ler e a escrever, mas de fato expandindo seus conhecimentos em torno da própria cultura e de seus costumes, sem sair do seu contexto cultural.

Este trabalho tem sua base no cunho bibliográfico, no qual será apresentado em toda a pesquisa, por meio da citação de alguns autores que têm suas bases em educação escolar indígena, em especial o Krahô.

## 2 JUSTIFICATIVA

O que na realidade nos orienta pesquisar sobre a educação escolar indígena, em especial, o povo Krahô, foi o fato de entender um pouco dessa cultura, em especial a forma no qual eles são educados.

No decorrer da presente pesquisa, ressaltamos alguns pontos que serão frisados, como por exemplo, o desenvolvimento em relação à leitura e escrita das crianças indígenas. Por meio disso, aprofundamos o modo como a metodologia na qual eles estudam, como eles reagem a cada disciplina, dentre outros fatores.

É importante ressaltar que um dos pontos que mais nos chamaram atenção nessa pesquisa foi o professor que hoje atua nessa área, pois com o incentivo e investimento do governo federal, a comunidade indígena teve a possibilidade de ter um professor da mesma etnia, conseqüentemente, sendo ensinados por meio da própria língua.

Assim que começaram as aulas na Escola Estadual Indígena 19 de Abril, os professores, em sua maioria, eram não indígenas, e posteriormente, por meio de várias reivindicações, mas houve uma certa melhoria.

No entanto, o maior interesse dessa pesquisa é entender como foi e como funciona hoje a educação escolar indígena no povo Krahô.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar e descrever a situação da educação na Escola Estadual Indígena 19 de Abril da Aldeia Manoel Alves Pequeno.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Relatar como está o desenvolvimento do aluno no que diz respeito a ler e escrever.
- Entender como a presença de um professor do mesmo povo tem feito com que o desenvolvimento dos alunos seja mais produtivo.
- Mostrar como os alunos reagem a essa mudança.

#### 4 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, o que de fato convencionou o termo educação escolar indígena foi a implantação do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) por meio de uma parceria com o Museu Nacional (1956), e a *posteriori*, com a Universidade de Brasília (1963) e a FUNAI (1966), buscando então aprofundar conhecimentos linguísticos indígenas em território brasileiro (ALBURQUERQUE, 2016). Então, esse conhecimento vem de novas organizações curriculares buscando autonomia e participação indígena.

Estes princípios estão baseados nas políticas públicas de ações afirmativas oriundas do multiculturalismo da interculturalidade europeia (FAUSTINO, 2006).

A forma de reconhecer a multiculturalidade e identificar os grupos indígenas nas suas dimensões linguística e cultural, compreende então direitos básicos de todo e qualquer cidadão brasileiro.

Com isso, o estado passa assumir a conservação da língua e as suas culturas da mesma forma que faz com os parques nacionais e patrimônios históricos, para que venha ser reconhecida a sua importância, e com isso fazendo uso da sua língua materna de quaisquer povos na educação escolar, usando seus melhores meios para que esses sujeitos possam ter uma educação de qualidade, portanto:

Essa proposta da escola indígena diferenciada representa uma grande novidade no sistema educacional do país, estabelecendo na instituições e órgãos responsáveis definir de novas dinâmicas concepções e mecanismo “tanto para que essas escolas sejam de fato incorporadas e beneficiadas por sua inclusão no sistema respeitadas em suas particularidades.” (BRASIL 1998, p.34)

O MEC criou a coordenação geral de apoio às escolas indígenas para assegurar uma instância e intuiu um comitê da educação escolar indígena composto por indígenas. De acordo com Buratto (2006):

Esse comitê que assessorou o MEC na definição de políticas nacionais de educação escolar indígena, foi substituído por uma comissão nacional de professores indígenas, formando assim, o primeiro órgão composto por índios para o assessoramento da União (BURATTO,2006, p.9).

Segundo IBGE, o Brasil tem, atualmente, 305 povos indígenas, formando

uma população de 817.963 pessoas (IBGE, 2010), segundo Souza Filho (2001):

Embora reconhecendo as profundas diferenças sociais e culturais existentes entre os mais de duzentos povos que habitam o território brasileiro, atualmente, temos diversos instrumentos internacionais e nacionais como a Constituição de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, vários decretos, enfim grande aparato legal que reconhece os direitos indígenas, por outro lado, “o braço executor do Estado nega esses direitos, invade suas terras, desrespeita seus costumes, omite suas línguas, e o judiciário ou se cala ou simplesmente não é obedecido” (SOUZA FILHO, 2001, p. 76).

Na terra indígena kraolândia, o povo Krahô conta com 26 escolas que têm a administração como responsável o Governo do Estado do Tocantins e a Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC), órgãos responsáveis pela criação de políticas educacionais nas escolas indígenas.

Com os avanços alcançados pela escola indígena, adquiriram com eles sérios desafios e um deles é o dilema da comunicação e da convivência intercultural (CANDAU, 2006). Isso se tornou sua principal estratégia político-pedagógica. Esse dilema consiste na tentativa de atender ao mesmo tempo a demanda pela valorização cultural, das tradições, e dos valores tradicionais das aldeias e o acesso ao conhecimento de técnicas e valores da sociedade envolvente.

A situação nos leva a um problema de como atender essa dupla missão, atendendo essas escolas de forma equilibrada a partir do modelo de escola que temos hoje: segmentada, seriado, cíclico, carga horária, dias letivos, calendário escolar.

Em conceito geral, as escolas indígenas têm se esforçado bastante para atender essa dupla missão, porém, enfrentam sérias limitações e contradições internas, geradas através da falta de clareza não do como se quer, mas sim do como fazer para alcançar os objetivos propostos. Uma das maiores limitações é querer que a escola indígena siga o mesmo modelo organizativo da escola não indígena nos termos de: tempo, estrutura curricular, dinâmica de aulas,

metodologias, etc, e com isso fazendo com que ambas atendem as perspectivas ao mesmo tempo, para Albuquerque (1994):

Os povos indígenas desempenharam o papel importante de debater, elaborar e organizar suas propostas para o Congresso Nacional, porém a vontade política para com a minoria nunca foi expressiva, e num gesto de desrespeito, de irresponsabilidade e discriminação, esses políticos nem sequer encaminharam a proposta dos povos indígenas. (ALBUQUERQUE, 1994, p.8).

## **5 METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de base bibliográfica, levando em consideração todos os arquivos encontrados no LALI (Laboratório de língua indígena), bem como teóricos que têm suas bases literárias e argumentos sobre educação indígena.

Nesse trabalho analisamos como referências metodológicas as pesquisas bibliográfica enfocando:

- O desempenho do aluno
- As limitações encontradas em relação à escola e família.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Ao acessar a página do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI), que se encontra inserido no site da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), foram encontrados cerca de 23 artigos voltados para a discussão em torno da questão indígena, sendo que, cada um se direcionava a debater diferentes questões sociais, além de também estarem direcionados às diversas aldeias existentes no Estado do Tocantins, o que fez com que fossem selecionados apenas 3 artigos.

No decorrer dos artigos, houve uma questão que acabou se repetindo, foi a percepção de que o povo Krahô acaba demonstrando no decorrer de sua história a forma como aconteceu a exploração no território brasileiro, que acabou sendo desencadeado a partir do final do século XVII, sendo marcado por violência, chacinas e escravidão, o que acaba atenuando ainda mais a questão do processo de ensino/aprendizagem junto a essa parcela da população (ARAUJO; ALBUQUERQUE, 2014).

Assim sendo, é preciso levar em consideração algumas peculiaridades manifestadas nos povos indígenas, que tradicionalmente têm seu conhecimento transmitido pela oralidade, ou seja, acaba se diferenciando de forma significativa do que se mostra no modo de funcionamento ocidental. Nas aldeias Krahôs isso também acontece, pois eles adquiriram o hábito de se reunir diariamente no pátio da aldeia, para planejar e definir diversas tarefas e responsabilidades entre eles, bem como discutirem sobre seus hábitos e conhecimentos, entretanto, um importante aspecto é levar em consideração que ninguém nesse cenário é obrigado a aprender, apenas aqueles que querem participam desse processo (KRAHÔ; ALBUQUERQUE, 2016).

Esse conhecimento comumente é transmitido por pessoas mais velhas, que assumem a função de transmitir as tradições e conhecimentos adquiridos por gerações. Portanto, logo se percebe que existe a necessidade de utilização de um olhar transdisciplinar para compreender de forma mais adequada como os Krahôs podem apresentar potencialidades e dificuldades ao se inserirem em um ambiente escolar. Dentre os vários aspectos manifestos no contato com indígenas, é preciso dar especial atenção para as questões relacionadas às diferenças linguísticas, uma vez que os povos Krahôs possuem sua própria

língua e conseqüentemente precisam se adaptar para as mudanças para o português (KRAHÔ; ALBUQUERQUE, 2016).

Dito isto, também foi possível perceber que comumente existe uma dificuldade, quando um grupo minoritário acaba se inserindo em uma sociedade e/ou em um determinado local que utiliza outra língua, o que é justamente o que acontece com os indígenas, que acabam se inserindo em uma cultura que diversas vezes não divide sequer o mesmo idioma, aumentando ainda mais a dificuldade de adaptação (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2016).

Entretanto, também é preciso levar em consideração que esse grupo minoritário, tende a ir pouco a pouco dando espaço para essa língua dominante, principalmente por questões relacionadas ao prestígio e as possibilidades existentes na ideia de dominar determinado tipo de linguagem e conhecimento (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2016). Em última instância, é justamente essa busca por melhores condições que faz com que os indígenas busquem cada vez mais possibilidades de se inserir nas escolas, no entanto, apesar desse esforço, acaba havendo grande dificuldade nas instituições de ensino em receber e de fato inserir esse público.

Dito isto, é importante considerar que existe uma grande dificuldade na manutenção da existência dessas culturas, tanto por esse contato com uma cultura e formas de pensar dominantes, quanto pelos ataques existentes por parte de diversos públicos, que buscam constantes formas de continuar exercendo seu domínio, o que faz com que a simples demarcação de terras que é algo constitucionalmente definido, se torne cada vez mais difícil de acontecer (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2016).

Nesse complexo cenário, as crianças indígenas são alfabetizadas no português apenas quando se inserem nas escolas, sendo cobradas que consigam se adaptar e também aprender uma nova língua, sem o devido suporte e compreensão por parte das instituições de ensino, ou seja, inicialmente os povos indígenas aprendem suas línguas de origem, aquelas faladas em suas aldeias e espaços, para somente a seguir aprender o português, o que acaba sendo uma de suas grandes dificuldades no atual contexto sócio-político brasileiro, haja visto que o fato de ser uma criança desenvolvendo um segundo idioma não é levado em consideração (KRAHÔ; ALBUQUERQUE, 2016).

Dito isto, é possível afirmar que atualmente não existe de fato condições

reais para que se estabeleça possibilidades de avaliar alguns aspectos como o êxito ou fracasso escolar por parte dos indígenas, uma vez que uma simples prova e/ou avaliação não consegue dar conta das diversas peculiaridades existentes, desconsiderando inclusive o fato de haverem muitos estudantes indígenas que ainda não conseguiram de fato realizar a adaptação a seu novo idioma, ou seja, demarcando, ressaltando e potencializando a discriminação e a desigualdade atualmente existente (KRAHÔ; ALBUQUERQUE, 2016).

Apesar de atualmente os professores apresentarem muita dificuldade no processo de contato com estudantes indígenas, um pequeno atenuante tem mudado consideravelmente essa situação, que é o fato de os indígenas que conseguiram se inserir em universidades e escolas estarem agora começando a lecionar, o que faz com que eles acima de tudo reconheçam as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, além de também conseguirem passar uma nova perspectiva para os alunos (ARAUJO; ALBUQUERQUE, 2014).

A presença de um professor indígena nas instituições de ensino, pode inicialmente representar um modelo a ser seguido por parte dos estudantes também indígenas, servindo como uma nova possibilidade para esses jovens, que encontram representatividade em sua nova cultura, em seus novos espaços que começaram a se inserir. Ou seja, os professores indígenas conseguem representar uma possibilidade de representatividade em uma realidade social até então desconhecida (ARAUJO; ALBUQUERQUE, 2014).

Não obstante, também é preciso considerar os professores de outras etnias, pouco conhecem sobre a realidade indígena, suas dificuldades e até mesmo pouco valorizam sua produção de conhecimento e de saberes, o que não necessariamente se manifesta quando o professor também possui origens indígenas, já que ele terá também passado por dificuldades similares (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2016).

Apesar de tudo que foi afirmado, é possível afirmar que as mudanças necessárias para de fato incluir à população indígena, ainda estão consideravelmente distantes da realidade social brasileira, que realiza um movimento de constante exclusão e desconsideração das pautas manifestadas pela população indígena, o que se apresenta principalmente quando essa parcela da população acaba se inserindo nas instituições de ensino que não apresenta as devidas condições para receber e conseqüentemente oferecer

aquilo que a Escola pode proporcionar.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi apresentado no decorrer do trabalho, é possível afirmar que realmente existe uma grande dificuldade por parte das organizações competentes na área da educação, em criar possibilidades e metodologias diversificadas no concernente à inclusão e manutenção da cultura e identidade indígenas, o que faz com que haja o constante crescimento da discriminação, preconceito e desigualdade social existente, afetando de forma significativa a população indígena.

A pesquisa também acabou sendo atravessada por uma série de questões de grande importância, como o fato de ser realizada durante uma Pandemia que causou uma série de impactos a nível mundial. Assim sendo, houve a impossibilidade de realização de uma pesquisa presencial, o que acaba fazendo com que seja mais complicado realizar uma análise mais precisa daquilo que é manifestado nas aldeias da região, o que também impossibilita que seja de fato analisado os impactos da própria pandemia para o processo de educação da população indígena.

Dito isso, pesquisas de revisão bibliográfica tendem a demonstrar de forma geral como tem sido entendido no ambiente acadêmico determinada questão, o que foi possível demonstrar no decorrer deste trabalho, uma vez que a partir dos trabalhos já inseridos no LALI foi possível também perceber acima de tudo que o processo de ensino/aprendizado das crianças indígenas é atravessado por uma série de questões que não podem se resumir minimamente a dificuldades individuais de cada sujeito.

Outrossim, embora o investimento público seja escasso e omissivo, por vezes, também é preciso considerar que os processos de formação e o modo como a educação ocidental se consolidou acabou favorecendo apenas uma forma de promoção de conhecimento, criando poucas (e até mesmo nenhuma) formas de produção de conhecimento e de socialização para a diversidade, o que se mostra como principal fator de exclusão da população indígena.

Por fim, também é necessário ressaltar a necessidade de maiores estudos acerca da temática, uma vez que apesar de alguns avanços já alcançados, ainda existe muito a percorrer, já que a desigualdade se mostra como um dos grandes atravessamentos sociais, que precisa ser levado em consideração no que diz

respeito a qualquer tipo de proposta de ensino/aprendizagem para as comunidades indígenas no Tocantins.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. A. A. ; ALBUQUERQUE, F. E. . Educação Indígena Krahô: diálogos interculturais. In: Maria José de Pinho, Marilza Vanessa Rosa Suanno, João Henrique Suanno. (Org.). Formação de Professores e Interdisciplinaridade. 01 ed.Goiânia: América, 2014, v. 01, p. 263-278. (ARAUJO; ALBUQUERQUE, 2014)

FAUSTINO, R. C. (2008). História da educação escolar indígena no Brasil: da assimilação à tolerância. In Faustino, R. C., Buratto, L. G., Chaves, M., Barroco, S. M. S. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico Cultural . Maringá, Brasil: Eduem.

BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília, Brasil. BURATTO, L. G. (2008). Educação escolar indígena na legislação atual. In Faustino, R. C.

Buratto, L. G., Chaves, M., Barroco, S. M. S. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico Cultural. Maringá, Brasil: Eduem. CIMI – Conselho Indigenista Missionário (2006). Violência contra os povos

KRAHO, R. Y. ; ALBUQUERQUE, F. E. . Processo de Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade no Contexto da Educação Escolar Indígena Krahô. ENSINO DE LÍNGUAS NUMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL. 1ed.Campinas São Paulo: Pontes editora, 2016, v. 1, p. 323-341.

SANTOS, M. A. ; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges . O Tratamento dos Empréstimos Semânticos na Língua Krahô (Jê). In: ALBUQUERQUE, F. E; CALDAS, R. B. C; ARAÚJO, M. de A. A; ALMEIDA, S. A.. (Org.). Ensino de Línguas numa Perspectiva Intercultural. 1ed.São Paulo: Pontes Editores, 2016, v. , p. 269-282

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. O Renascer dos Povos Indígenas para o Direito.1a . ed.,2a . Tir./ Curitiba: Juruá,1999.

ALBUQUERQUE, Antonio Armando Ulian do Lago. Direito Indígena nas Constituições Brasileiras ([www.neofito.com.br/art01/const45.html](http://www.neofito.com.br/art01/const45.html))